

5

Conclusão

Ao final deste trabalho percebemos que a teologia de Adolphe Gesché, apresenta elementos consistentes e atuais para a superação do problema aqui apresentado. Passando primeiramente pelos dados bíblicos onde vimos que, no Antigo Testamento, a fé na Criação e na Salvação são interdependentes entre si e indissociáveis em todos os aspectos e, no Novo Testamento, onde, com mais força, é reafirmado a união entre Criação e Salvação na pessoa de Jesus Cristo, passando ainda por teólogos representantes em cada período antigo na história do pensamento cristão, podemos afirmar, em sua origem bíblica, o caráter indissociável dos dois conceitos tratados neste trabalho.

Após esta constatação, partimos para o que foi a intuição inicial que motivou esta pesquisa. Passamos a tratar da dissociação entre a fé cristã na Criação e Salvação. Iniciamos analisando e indicando as consequências para a compreensão da fé cristã ocasionadas pelo gnosticismo. Vimos o prejuízo à doutrina bíblica da Criação, principalmente no que tange ao seu caráter ontológico incidindo diretamente sobre a compreensão do Cristo cósmico, deixando este de emergir como o ápice da Criação.

Depois, vimos as consequências da doutrina ariana que tendia a fazer de Cristo uma espécie de demiurgo à semelhança platônica, influência esta que causou um certo esquecimento do papel de Cristo na Criação com a diminuição da importância concedida à função cósmica de Jesus Cristo pelo temor de que ela fosse mal interpretada.

Prosseguimos com a análise olhando de perto a contribuição de Orígenes de Alexandria para a confusão na compreensão da relação entre Criação e Salvação. Sua visão “lógica” sobre a necessidade da Criação feria diretamente a compreensão bíblica da absoluta liberdade de Deus na Criação, fechando, desta forma, a compreensão para o propósito salvífico gratuito de Deus que precede a Criação: “Deus cria o homem para salvá-lo”.

Em Agostinho, apesar de sua contribuição para superação do problema do dualismo da matéria, vimos o prejuízo à fé bíblica na Criação e Salvação por causa da valorização de um enfoque mais filosófico em detrimento do caráter histórico salvífico da Criação. Esta valorização filosófica impulsionou um empobrecimento da dimensão salvífica da Criação.

Em santo Anselmo vimos a clara ruptura entre Criação e Salvação que em certo sentido foi seguida de perto por São Tomás de Aquino. Sua conclusão de que Cristo se encarnou para pagar a ofensa dos seres humanos em relação a Deus, rompe drasticamente a relação entre Criação e Salvação. A encarnação de Cristo já não é mais o cumprimento dos desígnios salvíficos eternos de Deus. Da mesma forma, a Criação já não se dá em vista à encarnação do Logos.

Percebemos, na continuação do segundo capítulo, um distanciamento que se firmou na compreensão bíblica da Salvação em relação a Criação, distanciamento este que perdura em nossos dias. A partir do terceiro capítulo procuramos apresentar elementos para a superação da ruptura e um retorno ao dado bíblico. Fizemos isso, conscientes de que o trabalho teológico deve levar em consideração o contexto em que se está inserido e também, todas as mudanças ocorridas em campos de outros saberes, principalmente no que tange a compreensão de mundo, ciência, política e filosofia.

O pensamento de Gesché nos possibilitou uma abordagem atual do tema. Uma abordagem que abre espaço diante dos outros saberes, ao mesmo tempo em que é um retorno ao dado bíblico. Com uma teologia que leva em consideração outros discursos, Gesché procura reduzir a fé na Criação e Salvação àquilo que lhe é exclusivo e próprio.

Primeiramente, no terceiro capítulo, os elementos teológicos de Gesché permitiram o combate a qualquer compreensão que veja a necessidade como protagonista da Criação (Orígenes). “Deus no princípio” exprime uma intenção como protagonista, uma vontade. O mundo e seus habitantes são resultado (Criação) de uma liberdade. A indicação de “Deus no princípio” retira completamente a noção de uma necessidade. Deus cria algo diferente de si. Com isso, a alteridade está na

essência da Criação. Esta compreensão liberta o ser humano de um imanentismo tautológico que lhe é muito prejudicial.

Gesché também nos possibilitou uma superação do pensamento moderno que preconiza que a idéia de Deus seja prejudicial ao ser humano, demonstrando que a compreensão de um mundo sem intervenção é que se torna prejudicial ao ser humano. Com sua compreensão de liberdade desde o início da Criação, Gesché possibilitou também a superação de um aprisionamento humano em um destino fechado que impossibilita o ser humano de qualquer reação.

A concepção de Gesché, em que vê o ser humano como um ser criado criador traz de volta a responsabilidade humana diante de si, do outro, do cosmo e de Deus. Neste sentido, o ser humano é livre, tem liberdade e responsabilidade de construção de si mesmo, de seu destino, de sua Salvação. Trata-se de uma concepção antropológica atual que responde aos anseios existenciais, corrigindo o que deve ser corrigido no existencialismo filosófico.

Vimos que o pensamento de Gesché oferece elementos de superação de toda e qualquer influência gnóstica que ainda se possa ter (e temos). Em sua concepção de Salvação, Gesché enxerga a realização total daquilo para qual o ser humano foi criado. Este elemento teológico de Gesché supera a visão negativa da matéria (mundo e corpo), que trouxe muitos danos às mentes cristãs, pondo em oposição elementos ditos sagrados com os ditos profanos, como por exemplo vida cristã e vida mundana, alma e espírito, igreja e mundo, etc.

Sua antropologia baseia-se em uma visão positiva do ser humano. Este é um ser criado para a Salvação, para a realização, que encontra obstáculos rumo a esta realização dos quais precisa ser liberto a fim de prosseguir em seu caminho. Com isso, Gesché torna evidente o caráter não-fatalista da fé cristã. Para a fé Cristã, nada é irremediável e definitivo, tudo pode ser retomado, tudo pode ser salvo.

Com a compreensão de que o cosmo é a morada de Deus e do ser humano e que é o palco da Salvação, pudemos ver ainda em Gesché, elementos de valorização do cosmo, que ajuda para superação da idéia de subjugação do mundo que teve como consequência o desrespeito e o mal trato da natureza. O ser humano não é um ser acósmico. Sua Salvação está nisso implicada.

Vimos ainda elementos para superação da ruptura propostos por Gesché baseados em sua compreensão de capacidade humana em Deus. Capacidade esta que vê um desígnio de encarnação do *Logos*, antes mesmo da Criação e do pecado humano. Este pensamento, corroborado pelas cristologias paulinas e joaninas, supera o pensamento de Santo Anselmo que rompe a relação entre Criação e encarnação, pelo menos no que tange ao objetivo desta. Esta, segundo Anselmo, não ocorre mais como o ápice da Criação, mas como um plano “b” ao desígnio frustrado do criador. Isto é superado em Gesché em sua visão, afirmada por São Bernardo, sobre o *verbum incarnandum*.

A Criação é, desta forma, totalmente interligada ao desejo de partilha de si mesmo de Deus. Ou seja, a Criação é totalmente relacionada com a Salvação. Desta forma, a Salvação não é mais uma etapa no desejo de Criação de Deus, mas a condição para ela. A Salvação é o fim da Criação, objetivo primeiro.

O pensamento teológico de Adolphe Gesché nos proporcionou elementos para superação da ruptura. Além disso, estes elementos proporcionaram um posicionamento teológico pertinente e atual diante do pensamento secular, colocando-o em condições de diálogo com outras ciências como a filosofia, antropologia, sociologia, etc.

Concluimos este trabalho primeiramente reconhecendo as limitações da pesquisa conforme afirmado na introdução. Não temos a menor ilusão de ter esgotado o pensamento de Adolphe Gesché sobre este tema. Mas esperamos que, as intuições trazidas neste trabalho, tenham apontado caminhos para superação da ruptura entre a Criação e Salvação.

Entendemos ainda que a tarefa teológico-pastoral para esta superação ainda é longa. A teologia, a pelo menos seis décadas, através de homens como Congar, Rahner, Pannenberg, Moltmann, Gesché e em contexto brasileiro França Miranda, Garcia Rubio, entre outros, vem se debruçando sobre este tema com intenção de purificar e dizer a fé na Criação e Salvação, superando a ruptura, em ambiente moderno e pós-moderno.

Mesmo após todos estes esforços teológicos, ainda encontramos em meios acadêmicos, seja no campo católico ou protestante, teologias de ruptura. Teologias

estas, que parecem entranhadas na mente do povo cristão, visto que, em nossa experiência pastoral tanto com cristãos protestantes como com cristãos católicos, estas teologias de ruptura são evidentes. Desejamos aqui ter contribuído nesta longa empreitada.